



ISSN: 2310-0036

Vol. 12 | Nº. 1 | Ano 2021

Irene Vahocha, PhD

Bonifácio da Piedade, PhD

Universidade Católica de Moçambique



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

Implicações da Prática de Ritos de Iniciação Feminina no Processo de Ensino-aprendizagem: Caso da Escola Primária Completa de Murrebue em Cabo Delgado

RESUMO

Os ritos constituem uma prática cultural que vem acompanhando a sociedade humana desde os seus primórdio. Assim, o presente artigo fala sobre as implicações dessa prática, particularmente, dos ritos de iniciação feminina, no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem. Pretende-se, compreender como e de que forma é que esta prática pode afectar o desempenho escolar da aluna iniciada. Importa empreender um estudo pelo facto de o objecto ser um fenómeno ancestral que actualmente continua a ser um traço relevante de culturas como a macua, na qual se acredita que é com os ritos que a rapariga se torna adulta. Assim, aprofunda-se como é que a prática em questão tem implicações no PEA das iniciadas. Para tal, optou-se pelo "estudo de caso" numa Escola Primária Completa em Cabo Delgado, pelo facto de se acreditar que o fenómeno esteja a ocorrer com as iniciadas dessa escola. Optar pelo paradigma interpretativo e abordagem qualitativa possibilitou a descrição dos factos. Para tal, os dados foram obtidos a partir da pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas semi-estruturadas e observação indirecta. Os participantes foram intencionalmente seleccionados por serem iniciados, macua e idóneos. Concluindo, os ritos ensinam o respeito e higiene menstrual. Porém, falham pelo período de realização e pelos conselhos que não observam a idade forçando com isso, a maturação da iniciada e sua mudança de comportamento que impactam negativamente no Processo de Ensino e Aprendizagem (PEA). Para ultrapassar esses problemas, o estudo remete para uma reforma a essa prática.

Palavras-chave: processo de ensino aprendizagem, reformas do currículo do ensino básico, ritos de iniciação

Abstract

Rites are a cultural practice that has accompanied human society since its inception. Thus, the present article talks about the implications of this practice, particularly, of the female initiation rites, with regard to the teaching-learning process. It is intended to understand how and in what way, this practice can affect the school performance of the initiated student. It is important to undertake a study due to the fact that the object is an ancestral phenomenon that currently continues to be a relevant feature of cultures such as macua, in which it is believed that the girl becomes an adult with the rites. Thus, it deepens how the practice in question has implications for the PEA of initiates. To this end, we opted for the "case study" of a Complete Primary School in Cabo Delgado, because it is believed that the phenomenon is occurring with the initiates of that school. Choosing the interpretive paradigm and qualitative approach made it possible to describe the facts. For this, the data were obtained from bibliographic, documentary research, semi-structured interviews and indirect observation. Participants were intentionally selected for being initiated, solid and fit. In conclusion, the rites teach respect and menstrual hygiene. However, they fail due to the period of accomplishment and to the councils that do not observe age, thereby forcing the maturation of the initiate and their change in behavior that negatively impact the PEA. To overcome these problems, the study refers to a reform of this practice.

Keywords: initiation rites, teaching-learning process, reforms of the basic education curriculum

Introdução

Os ritos ou rituais sejam eles de passagem ou iniciação, nascimento, matrimónio, entre outros, têm acompanhado a vida social humana desde os tempos primordiais. Todavia, somente se tornaram objecto autónomo de estudo nas últimas décadas do século passado, no fórum das disciplinas que constituem as ciências sociais (Pierano, 2002). Aliado a isso, o presente artigo intitulado “Implicações da prática de ritos de iniciação feminina no processo de ensino-aprendizagem, caso da Escola Primária Completa Murrebue em Cabo Delgado”, constitui mais uma contribuição de estudo na área das ciências acima referidas e, mais concretamente, na área da educação.

Para a comunidade onde a escola em estudo se situa, por ser tipicamente da cultura macua, os ritos de iniciação são importantes e continuam a ser uma das formas privilegiadas de passagem de testemunho dos saberes mais secretos da sua cultura. Portanto, a riqueza dos valores culturais transmitidos às raparigas, nessa comunidade, são perpetuados através desses ritos. Para torná-las legítimas herdeiras da cultura macua, os saberes são transmitidos por meio de canções e dramas, assumindo o teor de conselhos, e devem ser passados com recurso a língua macua, isto é, a língua que a comunidade em estudo fala.

Há que referir que apesar de serem importantes, imprescindíveis e a principal forma de passagem da fase da infância para a fase adulta, os ritos de iniciação feminina falham pelo período de sua realização¹ por instruírem as raparigas nas idades entre 12 a 16 anos, como seduzir e ter relações prazerosas com homens, instruções essas que se julgam incitar o início da relação sexual, comportamentos promíscuos², gravidez precoce, casamento prematuro, contracção de infecção de transmissão sexual entre outros males. Portanto, factos que levam a questionar que efeitos têm a prática de ritos de iniciação feminina no processo de ensino-aprendizagem das raparigas iniciadas e tornando-se um problema que preocupa não só os cidadãos como, também, o Governo de Moçambique.

¹ Por depender do aparecimento da menarca, eles podem ser praticados a qualquer momento mesmo sendo um período de aulas.

² Prática de sexo transaccional e intergeracional.

É pelo acima exposto que se acredita que tais efeitos vêm ocorrendo com as raparigas iniciadas da Escola Primária Completa em estudo, por abarcar muitas raparigas nas idades acima referidas e é neste contexto que o presente artigo pretende compreender em que medida é que a prática de ritos de iniciação feminina se repercute no processo de ensino-aprendizagem das raparigas iniciadas da escola em referência. Acredita-se que para fazer face a esta problemática, as Reformas Curriculares do Ensino Básico como a introdução do Currículo Local, Ensino Bilingue, Programa Pacote Básico e Habilidades para Vida na Educação complementado pelo programa Mundo Sem Segredos na Rádio Moçambique, sejam possíveis saídas.

Opção metodológica

De referir que o presente artigo resulta de um estudo do caso de uma Escola Primária Completa de amurrebue na Província de Cabo Delgado. Uma instituição de ensino de onde se colheram detalhes sobre os efeitos que a prática de ritos de iniciação feminina têm no Processo de Ensino Aprendizagem das raparigas iniciadas. Desta feita, descobriram-se as características e o cerne sobre o assunto (Gil, 2008). Assim, para responder à questão de partida, optou-se pelo estudo do caso da escola em referência. Um tipo de estudo que permitiu investigar de forma mais profunda o fenómeno em questão, porque para além de proporcionar o uso de uma diversidade de técnicas de recolha de informação, possibilitou também, a sua aplicação em contextos da vida real possibilitando com isso o cruzamento de ângulos de estudo ou de análise (Yin, 2003).

Participantes do estudo

Em atenção ao assunto em foco a representatividade estatística não foi necessária no presente artigo. Por isso, a representatividade social reforçada pela diversidade de participantes foi a opção para a obtenção de uma informação diversificada sobre o mesmo fenómeno (Guerra, 2006). Desta feita, a selecção dos 24 (vinte e quatro) participantes fez-se em função dos critérios estratégicos do pesquisador pois, o pesquisador considera-os idóneos e possuidores da

informação necessária ao estudo (Aires, 2011). Ademais, todos os participantes gozam o privilégio de terem passado pelos ritos de iniciação da cultura macua.

Procedimentos técnicos e analíticos

Por se tratar de estudo de caso, para a colecta de dados, usaram-se as técnicas que mais proporcionaram a obtenção da informação necessária. Portanto, a pesquisa documental foi reforçada pela colecta de dados efectuada a partir das entrevistas semi-estruturadas e observação (Gil, 2008; De Oliveira, 2011).

O presente estudo segue um paradigma interpretativo numa abordagem qualitativa. Para facilitar a compreensão dos factos, toda a informação colhida a partir das entrevistas e observação foi devidamente registada e sujeita a uma análise de conteúdo. Esse exercício levou-nos a compreender criteriosamente o sentido das comunicações dos participantes, seu conteúdo manifesto ou oculto, as significações explícitas ou ocultas (Lincolni, 1998). Importa salientar que para potenciar a organização da análise do conteúdo, os dados obtidos foram devidamente codificados, uma acção que proporcionou o uso de um conjunto de técnicas de análise de comunicações que seguindo uma sequência, permitiu interpretar o conteúdo das informações colhida e com isso, facilitar a sua conclusão (Bardin, 2011).

Discussão de resultados

Os dados que nesta parte se discutem, são provenientes das entrevistas da observação e da análise documental. As perspectivas e argumentos de vários autores que abordam os ritos de iniciação e as suas implicações no PEA, proporcionaram uma moldura teórica às análises e conclusões tiradas sobre o assunto.

As características da prática de ritos de iniciação

No que tange aos ritos de iniciação, as respostas dos participantes, coincidem, na ideia de que eles constituem uma prática cultural de grande importância para a socialização dos indivíduos. Através dos ritos, fica marcada a passagem da fase da infância para a fase adulta. Nesta direc-

ção, um dos entrevistados reforça a ideia ao afirmar que é através deles que as crianças são reclusas para receberem conselhos que opera mudança de estatuto delas como se pode ler abaixo:

"Constitui um momento de festa onde as meninas e meninos deixam de ser crianças e passam a ser adultos" (MM1).

"...são práticas que visam preparar a pessoa para uma fase adulta" (PP1).

Como se pode depreender, a importância dos ritos de iniciação reside na sua indispensabilidade para os indivíduos se firmarem como adultos perante a sociedade onde estão inseridos. Neste caso, é através dos ritos que as raparigas se tornam adultas e delas se passa a esperar que tenham incorporado o seu novo estatuto e sejam capazes de enfrentar e solucionar os problemas do quotidiano (Cipire, 1996). Desta feita, pensa-se que os ritos sejam parte essencial da religião tradicional de toda a África Central que também servem para se justificar e padronizar o posicionamento do homem em relação a mulher e vice-versa (Pinto, 2017).

Os posicionamentos acima são acreditados durante os ritos de iniciação feminina considerando inerentemente, que os ritos masculinos estão também de acordo com a imagem de mulher. Apesar de ambos terem a finalidade da socialização dos indivíduos, são, todavia, distintos no que tange aos requisitos para a submissão dos indivíduos. Portanto, os ritos pretendem, no final, moldar a rapariga de modo a torná-la mulher e o rapaz de forma a torná-lo homem, homem e mulher que a sociedade macua quer ver.

Percepção social sobre os ritos de iniciação em Moçambique

Os ritos de iniciação são como instituições de ensino nas quais os mais velhos transmitem ensinamentos que preparam as iniciadas para uma vida social ajustada às normas e condutas culturalmente assumidas como correctas, tal como Cortella (2009) refere. Nesta parte discutem-se os conhecimentos adquiridos nos ritos de iniciação a partir de dados colhidos nas entrevistas cuja análise é reforçada pelos dados colhidos das observações e de saberes das teorias constantes do estado da arte.

Assim, nos ritos femininos, as raparigas são aconselhadas a respeitar a todos, é-lhes ensinado a tratar de si durante o período menstrual e, principalmente, são-lhes dados conselhos acerca de comportamentos apropriados à vida adulta e à vida conjugal. Assim, aprendem não só a respeitar os mais velhos, como também a cuidar de si quando chegar o período de menstruação; aprendem por exemplo "... *nlopuanakhankhala nmoja*³". São apresentadas maquetes de sexo masculino para mostrar às raparigas durante os ritos e pensa-se que isso pode despertar a curiosidade nas raparigas em iniciação, ou seja, o facto de lhes ser apresentadas maquetes com o sexo masculino leva muitas vezes a fixar a ideia de que é dever da mulher servir sexualmente o homem e isso pode causar prejuízos e conduzir a relações prematuras que afectarão a vida das raparigas ainda em crescimento. Isto é algo que converge com a ideia de Osório (2015) que refere que nos ritos de iniciação feminina, as raparigas, muitas vezes apenas com 11 e 12 anos, por intermédio de canções, da manipulação de objectos com a forma do sexo masculino e do mimetismo da relação sexual, sabem que o destino da sua vida está condicionado pela vontade masculina.

Aliás, estes actos constituem evidências da não observância rigorosa dos conhecimentos a serem transmitidos nas fases dos ritos de iniciação feminina, violando o estágio normal de crescimento psicológico e físico das raparigas pois, tais ensinamentos só deviam acontecer na fase pós-liminar cujo teor é o casamento e se ensina a tratar do homem (Mucufo et al., 2017).

Neste contexto, cogita-se sobre se, os conselhos acima referidos, para além de promover relações sexuais transaccional e intergeracional, não estarão colocando em causa os direitos sexuais e reprodutivos das raparigas como, também, estarão a promover a promiscuidade, infecções de transmissão sexual gravidezes precoces, casamentos prematuros entre outros males que afectam o crescimento normal das visadas e o seu ritmo no PEA.

Os discursos em torno dos saberes transmitidos nos ritos femininos, dão a entender que alguns deles promovem nas raparigas uma mudança drástica de comportamento na medida em que elas devem conciliar dois saberes diferentes, designadamente, os saberes dos ritos e os da

³Não devem ter um único parceiro sexual

escola. Acredita-se que antes de submetidas aos ritos de iniciação, as raparigas pensavam em ir à escola e da escola, voltavam para casa, mas, depois disso, perderam essa rotina.

Os depoimentos dos participantes levam a entender ainda que os saberes transmitidos nos ritos de iniciação feminina vão para lá da socialização dos indivíduos porque a matrona ensina a ela que a cor branca do ciclo menstrual constitui o período certo para uma relação sexual, um período que segundo Struzani (2016) é próprio para engravidar. Para salvaguardar a saúde dos seus parceiros, as matronas dizem-lhes que se por acaso mantiverem as relações no período não recomendado, o seu parceiro morrerá. Portanto, para além do saber como viver na sociedade, as raparigas, nos ritos, aprendem como tratar do marido numa idade compreendida entre os 12 a 16 anos de idade, facto que leva a dizer que as matronas têm a função de assegurar que os homens continuem sendo bem tratados pelas mulheres.

Em atenção ao acima dito, acredita-se que há adulteração dos saberes, porque ao invés de ensinarem sobre a socialização, os conselhos transmitidos pelas matronas extrapolam o desejado. Uma participante afirmou que há sinais de adulteração das mensagens ao dizer "por exemplo, dizer a raparigas de 12 a 16 anos de idade que já estão prontas para ter um homem e até para fazer sexo e questionam: o que se espera por conseguinte, dessas raparigas?" (MM2) São saberes que em certa medida, podem ser classificados de violentos e desviantes. Para além de incumbirem as raparigas da grande tarefa de cuidar da família naquela idade, estes saberes despertam nelas a força de vontade de ser como a cultura manda sob pena de estarem a agir contra ela. Assim, parece que os saberes transmitidos nos ritos femininos dão azo a críticas, principalmente os femininos, pelo facto de endossarem a ideia de que, uma vez iniciada, a rapariga já está pronta para o casamento (Silva, 2017).

Neste contexto, vale lembrar que, em Moçambique, nem todas as culturas praticam os ritos de iniciação. Segundo Maivasse (2016), eles são mais propensos a serem praticados nas zonas norte e centro. Por isso, nesta parte, se trazem os pontos de vista dos entrevistados sobre os ritos de iniciação de hoje em relação ao passado e conjugados com as ideias dos autores consultados no estudo.

A este respeito, os participantes do estudo disseram que o período de realização dos ritos foi reduzido. No caso das raparigas, passou de um mês para três ou quatro dias. Todavia, os

conselhos que neles são transmitidos não diferem dos do passado porque o que se dizia antes, ainda se diz hoje, mas, tudo numa única vez. Como se pode perceber, em Moçambique, apesar de serem banalizados e passarem por várias provações, o facto é que os ritos de iniciação continuam presentes até aos dias de hoje (Martínez, 2008; Maivasse, 2016).

Potencialidades socio-pedagógicas dos ritos de iniciação e o processo de ensino e aprendizagem

Em atenção às diversas formas de se olhar para o PEA, acredita-se que considera a pedagogia social é uma das formas privilegiada na transformação da sociedade (Libâneo, 2001). Segundo este autor, ela é uma ciência da educação que visa na transformação do estado físico, mental, espiritual e cultural que ajuda na configuração da existência individual e colectiva dos indivíduos. Aliás, diferentes aprendizagens feitas pelas pessoas sejam na comunidade bem como fora dela, afinal, o objectivo principal é conseguir que elas estejam educadas e consigam desenvolver-se como seres humanos sociais que são (Da Piedade, 2014). Neste contexto, o presente artigo mostra a potencialidade socio-pedagógicas em epigrafe.

No caso das raparigas, nos ritos, as mestras em representação da sociedade feminina desencadeiam acções que levam as raparigas a submeterem-se à subordinação. Portanto, durante os aconselhamentos, as iniciadas devem permanecer inclinadas, demonstrando assimilar tudo o que lhes é dito, ela não deve falar durante esse momento, devendo limitar-se apenas em bater as palmas com todo respeito, como sinal de que está acompanhando tudo e concorda incorporar as novas atitudes na sua forma de ser e estar (Osório & Macuacua, 2013).

Conforme se pode depreender, a metodologia usada nos ritos de iniciação é intimidativa. Ao dizerem às iniciadas que, caso não cumpram com o que lhes foi orientado, acontecerá algo de mal aos seus parentes, as iniciadas encontram-se confrontadas com algo fora das suas capacidades de controlo e para que tais males não aconteçam aos seus parentes, elas submetem-se e cumprem. Assim, as raparigas em reclusão são obrigadas a estar atentas para acatarem tudo o que as matronas lhes dizem. Caso não percebam algo, elas não devem questionar porque se o fizerem, estarão a violar as regras destes ritos.

É com base na lógica acima apresentada, percebe-se que a aprendizagem proporcionada pelos ritos de iniciação feminina, típica da cultura macua, tem como objectivo final garantir que as raparigas iniciadas, sejam dotadas de valores como respeito, empatia, solidariedade, honestidade, entre outros saberes achados valiosos na sua cultura, isto é, que elas sejam educadas de forma a conseguir desenvolver-se como seres humanas pertencentes a uma sociedade caracterizada por valores distintos que as distingue das raparigas das outras culturas.

As implicações da prática de ritos de iniciação no processo de ensino aprendizagem

Os depoimentos das participantes sobre o assunto acima, mostraram que o período em que as raparigas são submetidas aos ritos de iniciação coincide com o período lectivo. Segundo eles, para as raparigas macuas, a menarca⁴ é a condição primordial para a submissão delas à reclusão. Portanto, os ritos de iniciação para as raparigas só podem acontecer quando a rapariga tiver a primeira menstruação e por isso não se deve escolher um mês. Como se pode perceber, a maturidade biológica/aparecimento ou seja, a menarca é o que determina a obrigatoriedade de as raparigas serem iniciadas (Cipire, 1996; Bonnet & Ivala, 1999; Ciscato, 2012; Noaque, 2015; Mucufo, 2017).

A ideia acima exposta leva a concordar com autores como Dade (2012), Osório e Macuacua (2016), Namuholopa (2017), entre outros, que dizem que apesar de os ritos de iniciação constituírem uma prática antiga, ela continua cercada de mitos e de preconceitos inoportunos. É possível notar que eles são uma área que carece ainda de exploração científica (Dias, 2010).

É de referir que os resultados da questão de saber qual era o comportamento das alunas após os ritos de iniciação, revelaram que mesmo que a metodologia usada para transmitir os saberes seja violenta e intimidativa, não garante que a iniciadas se comporte tal como se esperava. Muito pelo contrário, dependendo de rapariga para rapariga e da forma como os saberes são percebidos, elas podem mudar para o melhor ou não. Portanto, depois dos ritos, é lógico que elas não continuem sendo as mesmas porque nos ritos elas aprenderam algo de novo que faz com que desencadeiem novos comportamentos, anómalos ou não.

A este respeito, com os resultados obtidos a partir das entrevistas e observação cruzados com as ideias dos autores como Naoque (2014) e Osório (2015), entre outros, percebe-se que os conselhos adquiridos nos ritos de iniciação feminina, em parte impactam negativamente na rapariga iniciada.

Segundo os participantes do estudo, as raparigas iniciadas na sua maioria mudam para o pior. Não têm respeito e nem consideração pelos outros. E mais, quando o assunto se refere a professores, estas raparigas não obedecem e se forem professoras, a situação é pior ainda porque, as iniciadas sentem-se com capacidades igual e no mesmo nível delas.

Portanto, são depoimentos que deixam claro que, depois dos ritos de iniciação, as raparigas mudam drasticamente de comportamento e pensa-se que isso afecta directamente o seu desempenho na escola. A timidez e o medo fingidos são as características mais patentes nelas depois dos ritos. Vezes há em que quando estão na aula, não se sente sua contribuição. Em suma, tanto aos olhos da comunidade bem como aos da escola, as raparigas comportam-se de forma diferente do que antes dos ritos.

Ritos de iniciação e as reformas do ensino básico em Moçambique

Parte-se da premissa de que a educação do indivíduo através dos ritos de iniciação é diferente da educação formal. Desta feita, discutir esse assunto, passa necessariamente por uma grande reflexão sobre o que fazer para que os dois tipos de ensino, não tirem valor um ao outro, mas,

⁴ Primeira menstruação

sim, para que se complementem, capacitando a rapariga a enfrentar a demanda que a vida lhe impõe.

Embora nem todos estejam de acordo com a convivência entre os dois tipos de ensino, como é o caso de alguns mestres e matronas porque é de onde ganham o seu pão⁵, vários participantes do estudo concordaram com a ideia. Neste sentido, os que concordam contribuiram com ideias sobre como os ensinamentos em questão podem conviver de forma harmoniosa. Por vezes, as suas opiniões coincidem com as reformas introduzidas no Currículo do Ensino Básico em Moçambique.

Assim, o Sistema Nacional da Educação em Moçambique introduziu algumas reformas como o Conselho de Escola que proporciona o envolvimento da comunidade na vida da escola, o Currículo Local para abarcar matérias do nível local achadas necessárias em atenção ao local onde a sua escola se situa, (MEC, 2005). O Ministério de Educação criou ainda o Programa Mundo Sem Segredos, um programa radiofónico feito por adolescentes para adolescentes, complementando o Pacote Básico e Habilidades para Vida que deve ser implementado pelos professores do ensino básico nas instituições de ensino formal (MEC, 2004).

Pensa-se que estas reformas constituem oportunidades para uma entrada progressiva dos temas relacionados com ritos de iniciação no PEA. Uma ideia que dá razão a autores como Formosinho (2005) segundo o qual é preciso abrir a escola e trazer para dentro dela os vários intervenientes do processo educativo, para que os interesses comuns sejam partilhados de uma forma interactiva, porque, sendo a escola uma instituição de ensino, ela deve estar ao serviço da comunidade onde está situada pois, ela não é apenas um espaço de produção de conhecimento, mas também, deve constituir um local de transformação social (Libâneo, 2008).

É nesta perspectiva que se pensa que os ritos de iniciação feminina, podem ser acomodados no ensino formal e os saberes constantes no seu pacote de conteúdos, poderão ser tratados como temas transversais, ou, por outra, os temas seleccionados podem constar no plano do Currículo Local onde, a transversalidade dos mesmos estaria assegurada pelo programa Pacote Básico e Habilidades para Vida (MEC, 2004).

Considerações finais

Nesta parte, as considerações são feitas em função das categorias que marcaram o estudo e que procuram compreender em que medida é que a prática de ritos de iniciação feminina se repercute no processo de ensino-aprendizagem das raparigas iniciadas da escola em referência.

Assim, e relativamente à categoria que versa sobre as características dos ritos de iniciação, os resultados colhidos nos estudos empíricos revelam que a prática de ritos de iniciação feminina foi herdada dos antepassados que de geração em geração, os mais velhos foram transmitindo aos mais novos os valores considerados cívicos e éticos da sua cultura como a macua.

Em relação aos conselhos, há que referir que dos ritos femininos garante que as raparigas sejam moldadas de forma a se tornarem mulheres submissas, respeitosas, sinceras, idóneas, dignas, solidárias e sociais para permitir que elas vivam de forma harmoniosa; aliás, a transmissão destes valores nos ritos torna evidente a potencialidade dos ritos na sociedade e falando particularmente dos conselhos e de como eles são transmitidos às raparigas durante os ritos femininos, o estudo mostrou que eles são desapropriados, pois, o que se ensina não tem em conta a idade das raparigas para quem se ensina⁶. Esta é uma lógica que leva a questionar: se os conselhos que dos ritos se recebem e a forma como são transmitidos, não estarão a promover os problemas acima listados e a forçar a maturação das raparigas que pelos ritos passam? E pelo que é que impede que as raparigas e os rapazes sejam submetidos aos mesmos ritos de iniciação e em conjunto, sendo ambos dotados dos mesmos saberes e/ou valores éticos em nome da sua cultura macua neste caso?

Como se pode depreender, a lógica acima impõe que se pense numa reforma dos ritos de iniciação. Aliás, olhando para os resultados acima referidos, somos levados a pensar que eles proporcionam a crítica pelo facto de fazerem transparecer a ideia de que, uma vez iniciadas, as raparigas já são adultas e podem assumir um lar, mantendo um papel subalterno relativamente ao homem.

⁵ Como se pode depreender, realizar ritos de iniciação femininos, envolvem gastos pois, para além de pagar as despesas ligadas a cerimónias, o trabalho das matronas também é pago.

⁶Raparigas de 12 a 16 anos de idade.

Os depoimentos dos participantes deram a entender que a prática de ritos de iniciação pode mudar drasticamente o comportamento das raparigas iniciadas. Para comprovar tais mudanças, a observação as alunas iniciadas durante as aulas, e no intervalo, confirmou que, dependendo de iniciada para iniciada, os ritos de iniciação podem torná-las potencialmente rebeldes e ao sentirem vergonha, ficam tímidas, têm medo, já não participam nas aulas, não olham para os professores nem para os colegas. A metodologia usada para manter o segredo dos ritos, consegue moldar e trazer para a escola, novas alunas cercadas de entraves que colocam em causa não só o seu aproveitamento pedagógico, como também, tornam-lhes reféns dos preconceitos que implicam no seu processo de ensino-aprendizagem.

É por estes factos que se concorda que realmente os ritos de iniciação feminina são, em parte, maléficos e implicam no PEA. Para ultrapassar esta problemática, a convivência harmónica entre a prática dos ritos de iniciação e o PEA, parece ser uma das saídas plausíveis. Tanto a sociedade bem como o Governo reconhecem a existência dos ritos de iniciação e das implicações que deles advém e sugerem que para fazer face ao problema, todos devem procurar possíveis saídas em prol da formação integral de qualidade do indivíduo.

Portanto, a partir dos factos acima arrolados, e conhecendo as limitações do presente estudo, sugerem-se reformas à prática dos ritos de iniciação, principalmente os femininos, em observância as reformas que já vêm ocorrendo no Plano Curricular de Ensino⁷ e a partir de debates que envolvam intervenientes a todos os níveis em prol da solução contra as implicações que a prática de ritos de iniciação em questão repercutem e que colocam em causa o PEA das raparigas iniciadas, principalmente as da Escola Primária Completa em estudo, para, com isso, poder-se ajudar as outras escolas do País e da Província de Cabo Delgado que estejam a enfrentar o problema das implicações da prática de ritos de iniciação feminina no PEA.

Sugere-se, também, reformas no que tange a dosificação de conteúdos a serem transmitidos tendo em conta a idade da iniciada, de forma a garantir que o que a rapariga iniciada apreende, não coloque em causa os seus estudos e a formação integral desta, a partir do trabalho conjunto entre a escola e a comunidade na elaboração eficaz do Plano do Currículo Local, revisão da metodologia usada para transmitir os conhecimentos nos ritos e implementação

⁷Currículo Local, Ensino Bilingue, Pacote Básico e Habilidades para Vida-Mundo Sem Segredos, entre outros.

eficaz das Políticas desenhadas pelo Ministério da Educação para um PEA de qualidade para todos.

Referência bibliográfica

- Aires, L.(2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.Lisboa, Portugal.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edição Revista e Atualizada. Lisboa Portugal: Edições 70, Lda.
- Bonnet, J. A. de Sá & Ivala, A. Z. (1999). *Educação da rapariga no Norte*. Nampula, Moçambique.
- Cipire, F. (1996). *Educação Tradicional em Moçambique*. (2ª ed.). Maputo, Moçambique: Publicações Emedil.
- Ciscato, E. (2012). *Introdução a cultura da área makhuwa lomwe*. Porto, Portugal:Clássica-Arte Gráfica.
- Cortella, M. S.(2009). *Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis, Brasil: Vozes editora.
- Dade, F. (2012). *Licumbi e ngomma: um estudo sobre a reprodução cultural dos Macondes*. Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Maputo, Moçambique: UM.
- Da Piedade, B.J.A. (2014). *Práticas comunitárias de mediação social estudo de caso - bairro de Mutauanha Nampula*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica de Portugal. Faculdade de Educação e Psicologia. Porto, Portugal.
- De Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração*, 19. Recuperado em <https://adm.catalao.ufg.br.up/567/o/Manual-de-metodologia-científica-Prof-Mawell.pdf>
- Dias, P.R.C. (2010). *Ritos e rituais – vida, morte E marcas corporais: importância desses símbolos para a sociedade*.Santa Maria, Brasil: VIDAY.
- Formosinho, J. (2005). *Centralização e descentralização na administração da escola de interesse Público*. Lisboa, Portugal: ASA Editores.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª. ed.). São. Paulo, Brasil: Atlas.
- Guerra, C, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentido e formas de uso, princípio*: Estoril Principia editora.
- Libâneo, J. C. (2001). *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educar. Curitiba, Brasil: Editora DaUFPR.
- Libâneo, J.C. (2008). *Organização e Gestão de Escola: Teoria e Prática*. (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Cortez Editora.
-

- Lincoln, Y. (2005). *Fourth-Generation Evaluation*. Recuperado em <http://WWW.scielo.br/pdf/aval/v20n3/1414-4077-aval-20-03-00703.pdf>.
- Maivasse, C.M.J. (2016). *A influência islâmica nos ritos de iniciação masculina: a mesquita Missuri na cidade de Maputo*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. Moçambique.
- Martinez, L. (2008). *O povo macua e a sua cultura*. (2ª ed.). Maputo, Moçambique: Editora Paulinas.
- MEC (2004). *Pacote Básico e habilidades para vida para o ensino básico: Manual de uso*. Maputo, Moçambique: INDE/MINED – Moçambique.
- MEC (2005). *Manual de Apoio ao Conselho de Escola*. Maputo, Moçambique: INDE/MINED – Moçambique.
- Mucufo, J., Belo, C., Macaringue, C., De Castro, J., Pires, P. & Cobre, A. (2017). *Ritos de iniciação e os desafios da implementação de programas de saúde sexual e reprodutiva em Natikiri, Nampula*. Projecto comunidades alertas para um hospital de prontidão. Faculdade de Ciências de Saude, Unilúrio, Hospital geral de Marere, Nampula, Moçambique.
- Namuholopa, O.M.F. (2017). *O papel dos ritos de iniciação na comunidade yaawo: caso da Cidade de Lichinga-Moçambique*. Programa de pós-doutoramento em sociologia. Faculdade de Ciências Sociais. Goiás, Brasil: BDTD/UFG.
- Noaque, E. (2014). *Contributo dos ritos de iniciação masculino/feminino na formação da cidadania no bairro de Napipine – Cidade de Nampula*. Maputo, Moçambique: Educar.
- Osório, C. & Macuácuá, E. (2013). *Os ritos de iniciação no contexto actual: ajustamentos rupturas e confrontos construindo identidades de género*. Maputo, Moçambique.
- Osório, C. (2015). *Os ritos de iniciação: Identidades femininas e masculinas e estruturas de Poder*. Maputo, Moçambique: Maria José Arthur.
- Peinaro, M. (2016). *Rituais ontem e hoje. Ciências sociais*. Passo-a-passo. (24ª ed.): Zahar.
- Pinto, S.M.X. (2017). *Casamentos prematuros no contexto de ritos de iniciação feminina, praticados pela etnia macua: olhar dos finalistas do curso dos finalistas do curso de licenciatura em serviços sociais*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- Silva, T. C. et al. (2007). *Representações e práticas da sexualidade dos jovens e a efeminização do SIDA em Moçambique*. Maputo, Moçambique: WLSA Moçambique.
- Struzani, R. (2016). *Corrimento branco vaginal sinaliza a chance de engravidar*. Recuperado em <https://www.personare.com.br/corrimento-branco-vaginal-sinaliza-chance-de-engravidar-2-m7353>.
- Yin, R. K. (2003). *Case Study Research: design and Methods* (3ª ed., vol. 5). Califórnia, EUA: sage publication.